

Artigos / Articles

Programa Comcultura: construindo uma gestão pública de cultura na Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Danilo Seithi Kato¹, Nilva Lúcia Lombardi Sales², Fernanda Coutinho Sabino Scoralick³

Resumo

A Política Nacional de Extensão Universitária (2012) aponta para a necessidade de priorizar ações voltadas para o desenvolvimento, produção e valorização cultural e artística como importantes para afirmação de identidades nacionais e de suas manifestações regionais. Partindo desta premissa, a presente análise tem o objetivo de apresentar o processo de implementação de uma gestão pública de cultura no Centro Cultural da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e, a partir da experiência, realizar reflexões de cunho prático-teórico, apontando caminhos para o estreitamento das relações entre arte e cultura populares e os aspectos da formação próprios da atividade fim das instituições de ensino superior no Brasil. A partir de uma investigação qualitativa, construída de um questionário online com questões abertas e fechadas, apresentamos um “mapeamento cultural” realizado em dois momentos, em um intervalo de doze meses, com servidores técnico-administrativos, professores e alunos. Assim, discutimos os dados dessa consulta como base empírica para avaliar os projetos estruturantes e propor desdobramentos das ações culturais extensionistas, visando uma universidade mais aberta à produção, fruição e formação desde um ponto de vista de uma política de cultura que valorize a diversidade e os diálogos interculturais.

Palavras-chave

Gestão de Cultura. Extensão Universitária. Política Cultural.

1. Doutor em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, Brasil; professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil; líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Interculturalidade e Educação em Ciências (GEPIC) e do Coletivo em Educação Popular (CIMEAC). E-mail: katosdan@yahoo.com.br.

2. Doutora em Ensino de Física pela Universidade de São Paulo, Brasil; professora adjunta da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil. E-mail: nilva.sales@uftm.edu.br.

3. Mestra em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil; Produtora Cultural no Centro Cultural (CCult) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil. E-mail: fcsabino@hotmail.com.

Comcultura Program: building a public culture management at the Federal University of Triângulo Mineiro, State of Minas Gerais, Brazil

Danilo Seithi Kato⁴, Nilva Lúcia Lombardi Sales⁵, Fernanda Coutinho Sabino Scoralick⁶

Abstract

The National Policy of University Extension (2012) points to the need to prioritize actions aimed at the development, production and cultural and artistic valorization as important for the affirmation of national identities and their regional manifestations. Based on this premise, the present analysis aims to present the process of implementing a public management of culture at the Cultural Center of the Federal University of the Triângulo Mineiro (UFTM), State of Minas Gerais, Brazil, and, based on the experience, carry out reflections of a practical and theoretical nature pointing out ways for the narrowing of the relations between popular art and culture and the aspects of formation proper to the activity of higher education institutions in Brazil. From a qualitative research, constructed from an online questionnaire with open and closed questions, we present a “cultural mapping” carried out in two moments, in a period of twelve months, with technical-administrative servers, teachers, and students. Thus, we discuss the data of this consultation as an empirical basis to evaluate the structuring projects and propose unfolding of the cultural actions, in extension context, aiming at a more open university to the production, fruition and formation from a point of view of a culture policy that values the diversity and the intercultural dialogues.

Keywords

Culture Management. University Extension. Cultural Policy.

4. PhD in School Education, Paulista State University Júlio de Mesquita Filho, State of São Paulo, Brazil; professor at Federal University of Triângulo Mineiro, State of Minas Gerais, Brazil; leader of the Group of Study and Research in Interculturality and Education in Sciences (GEPIC) and Collective in Popular Education (CIMEAC). E-mail: katosdan@yahoo.com.br.

5. PhD in Teaching Physics, University of São Paulo, State of São Paulo, Brasil; assistant professor at Federal University of Triângulo Mineiro, State of Minas Gerais, Brazil. E-mail: nilva.sales@uftm.edu.br.

6. Master in Social Communication from the Federal University of Minas Gerais, State of Minas Gerais, Brazil; Cultural Producer at the Cultural Center (CCult) of the Federal University of the Triângulo Mineiro, State of Minas Gerais, Brazil. E-mail: fcsabino@hotmail.com.

Introdução

A preocupação com aspectos da cultura nas universidades brasileiras não é recente. As expressões artísticas compõem formas de afirmar subjetividades, de reconhecer o outro e, a partir da alteridade reconhecer-se no mundo como sujeito social. Essa premissa traz para o bojo da discussão uma proposta de arte e cultura que remete à atividade fim da universidade, nomeadamente a formação de sujeitos que participam democraticamente das sociedades em que estão inseridos. Por outro lado, há inúmeras propostas que tratam da questão cultural como aspectos relativos ao entretenimento, ou como acesso à erudição que gere o que Bourdieu chamaria de capital cultural⁷ que mantém o status quo de uma camada privilegiada.

Assim, o desafio de compor uma organização responsável pela gestão pública da universidade deve assumir o papel que transborda os limites do lazer, mas também para o reencontro com uma visão mais humana das relações sociais, fazendo contraponto a um caminho de formação cada vez mais voltado à financeirização das relações e ao preparo para o mundo do trabalho de forma estritamente técnica.

Como na maioria das universidades brasileiras, a área da cultura está atrelada à da extensão universitária, cabe também olhar para os desafios apresentados na atual Política Nacional de Extensão Universitária (PNEU). Um deles, que se enquadra nessa discussão, considera a necessidade de “fortalecer a relação autônoma e crítico-propositiva da Extensão Universitária com as políticas públicas por meio de programas estruturantes, capazes de gerar impacto social” (FORPROEX, 2012, p. 39). Essa relação com as políticas públicas, ainda segundo

esse documento, tem entre suas metas permitir uma maior articulação entre a PNEU e, por exemplo, as Políticas Culturais Universitárias. No caso da Política Cultural da UFTM, percebe-se tal articulação em seu artigo 5º que descreve o objetivo desse documento:

A Política Cultural da UFTM tem como objetivo geral o compromisso da Universidade com a produção e articulação de saberes formais e informais, científicos e populares, criando mecanismos de inclusão e acessibilidade cultural, visando e promovendo a transformação social. (UFTM, 2018, p. 4).

É nesse cenário que se insere o Centro Cultural (CCult) da UFTM, que como em outras universidades também é vinculado à Pró-Reitoria de Extensão. O CCult foi criado em 1995 quando a UFTM ainda era Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro. A partir de 2017, ele foi reestruturado tanto em seus recursos humanos, quanto em sua estrutura de gestão passando, então, a revisar suas atividades.

A equipe atual do Centro Cultural da UFTM conta com um técnico em música, uma produtora cultural e uma técnica em assuntos educacionais, ou seja, servidores com formações específicas para atuar na área da cultura além daqueles que auxiliam na rotina de qualquer setor universitário, com total suporte da chefia, atuante no período a que remete este estudo e que se inicia em 2017 e finda no início do segundo semestre de 2018.

Nos anos anteriores a 2017, os projetos desse centro estiveram focados na manutenção de uma biblioteca literária anexa ao ambulatório da UFTM; em exposições semanais de filmes numa sala de cinema que faz parte dos espaços utilizados pela universidade; divulgações de informações de serviços em murais da

7. Para Boudieu, Boltanski e Saint-Martin (1979) capital cultural consiste num princípio de distinção de classes e manutenção das classes subalternas por meio da reprodução simbólica, ou seja, uma forma de separar em quantidade desiguais sujeitos portadores de capital cultural que tem como referência básica os recursos econômicos..

universidade; organização de um festival de teatro municipal chamado Fest 15; e mais recentemente passou a desenvolver atividades do projeto Corredor Cultural Sudeste⁸. Desde o início de 2017, esses projetos têm sido revistos e a expectativa é de que sejam reformulados, paralelamente à criação de outras novas ações. Isso vem sendo feito por meio da escuta da comunidade acadêmica e da construção e aprovação de uma política cultural para o Centro Cultural. O objetivo desta reformulação é promover atividades que tenham cada vez mais interface com as comunidades acadêmicas e do município de Uberaba, reverberando os anseios culturais desses públicos, criando novas formas de diálogo, contribuindo, assim, para a ampliação de horizontes, formação e transformação social dos indivíduos envolvidos.

É importante ressaltar que a definição da política de cultura da UFTM se embasa na seguinte noção:

Por política cultural, se entende não apenas as ações concretas, mas, a partir de uma concepção mais estratégica, “o confronto de ideias, lutas institucionais e relações de poder na produção e circulação de significados simbólicos” (MCGUIGAN, 1996, p. 1). Nesse sentido, elas são criativas e propositivas, ao produzirem discursos, e detentoras de poder simbólico atuante no campo cultural. (RUBIM; BARBALHO, 2007, p. 39).

A definição do plano de gestão do CCult baseou-se, assim, nas premissas descritas, sem perder de vista o entendimento de Universidade enquanto dispositivo simbólico e cultural estratégico para decifrar redes de significado, estimular a criatividade e desenvolver políticas públicas que abarquem os públicos internos e externos a ela. Esse preceito está em linha com o que foi considerado pelo Fórum Universidade

Pensa Brasil: Universidade, Arte e Cultura (2003), no âmbito do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) e a Associação Nacional de Dirigentes de 53 Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES)⁹:

As universidades públicas do sistema federal de ensino superior, além da produção de cultura, do estudo crítico e da formação de quadros, têm assumido a responsabilidade de estimular a criação experimental, preservar o patrimônio simbólico, criar novos espaços e ampliar a formação do público, de modo que os valores tradicionais e contemporâneos sejam conhecidos e incorporados, sobretudo, pelas novas gerações e pelos historicamente excluídos. [...] A promoção de políticas e práticas culturais, quando empreendida por instituições universitárias do sistema público, inclui necessariamente, entre os seus conceitos orientados, o da indissociabilidade entre educação, arte e cultura, solidariamente consideradas como instrumento global de conhecimento crítico, transformador da realidade. (FÓRUM..., 2003).

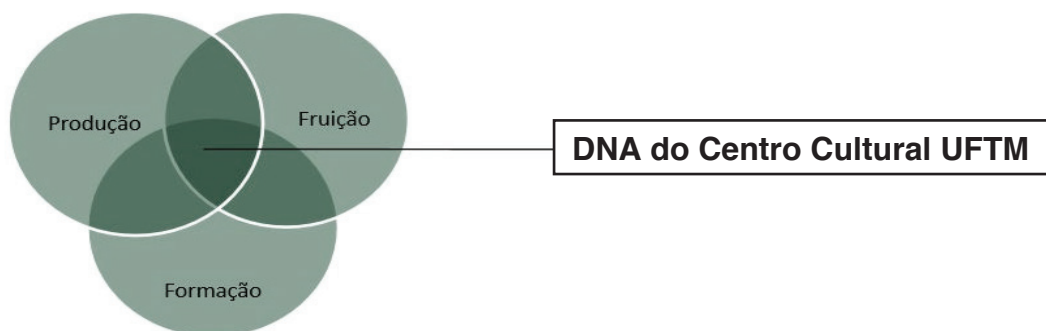
Fundamentada por essa base teórico-metodológica, a equipe do CCult definiu o chamado “DNA” do setor, que passou a nortear o trabalho da equipe e direcionar, de forma mais assertiva, as demandas dos públicos interno e externo relacionadas a cultura.

O “DNA” do Centro Cultural é definido pelo desenvolvimento de projetos capazes de reunir e conjugar ações de produção, fruição e formação. A figura 1 representa as zonas de significados entre o que denominamos de fruição, produção e formação. Em outras palavras, em atenção à heterogeneidade da comunidade acadêmica e a demanda por uma gestão que respeite uma política de cultura para todos, localizamos as ações a serem

8. Trata-se de um projeto organizado pelos Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas da Região Sudeste com objetivo promover a circulação de projetos culturais extensionistas entre essas universidades. Mais informações disponíveis em: <http://www.corredorcultural.preac.unicamp.br>.

9. Disponível em: www.renex.org.br.

Figura 1 – Representação do Plano de trabalho do CCULT-UFTM



Fonte: Os autores (2018).

pensadas na intersecção entre essas dimensões representada na figura. Afinal, a diversidade é uma das características mais pungentes no contexto de uma universidade pública, seja no âmbito do corpo discente, docente, de técnico-administrativos ou das comunidades com quem estabelece relacionamento.

Portanto, estruturar um trabalho de gestão cultural que dê conta de dialogar com anseios desses múltiplos segmentos é um desafio, que se torna ainda maior se somado à responsabilidade de contribuir para – e porque não ampliar – a construção de novas formas de produção simbólica, a formação cidadã e o respeito às diferenças em um ambiente público educacional. Assim, a partir dessa discussão inicial elaboramos as questões mobilizadoras do presente estudo: ao comparar os dados do mapeamento cultural realizado no período de um ano de atuação do novo plano de centro cultural, quais aspectos podem ser ressaltados? Como a arte e cultura populares podem aproximar a comunidade acadêmica universitária entre si, bem como da comunidade externa?

Fundamentação teórica

Para a elaboração estrutural do presente trabalho, lançamos mão do termo cultura,

sobre o qual é preciso desmistificar conceitos que estejam amparados em noções exóticas e preconcebidas que fixem os aspectos culturais como essências que sejam carregadas de forma pronta e acabada pelos sujeitos que a detém. Seguindo a perspectiva antropológica de definição de cultura, nos apoiamos em Laraia (2001, p. 101), segundo o qual a cultura é dinâmica e, para o antropólogo, “entender essa dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos”. Por esse caminho, a dinâmica da cultura possui padrões de expressão em diversos âmbitos: linguísticos, de manifestações culturais diversas, das relações familiares, nos mais variados ambientes educacionais, isto é, materializa-se em “toda sua riqueza e multiplicidade de formas de existência” (SANTOS, 1996, p. 7). E, pensando nesse caráter de mobilidade da cultura como processo “híbrido”, baseando-nos na concepção de que não há uma “universalidade”, nem mesmo um “relativismo absoluto”, em processo de modificação constante, surge a noção do multiculturalismo.

Nesse mesmo caminho, podemos nos recorrer à Geertz (1997) que reflete sobre a dimensão da cultura com base na noção de sistemas esquematizados que se constituíram

a partir de um conjunto de “práticas herdadas, crenças aceitas, juízos habituais e emoções inatas” que devem ser analisados sob a luz do conceito de heterogeneidade cultural. O antropólogo elucida que aquilo que se desenha como místico e/ou exótico geralmente se refere a alguma manifestação cultural que não faz parte do “senso comum” de quem observa à distância. Com base nessas noções sumárias, quando se fala em multiculturalismo crítico, e em todas as representações que esse conceito mobiliza, é preciso vislumbrar caminhos para além do direito à diferença de cada indivíduo ou grupo.

Para McLaren (1997) é importante construir uma abordagem deste termo que sustente não só o fato de termos direito à diferença, mas também como nós, como seres sociais, com nossas histórias e bagagens culturais, abarcamos conceitos sobre raça, etnia, cultura, inseridos em um modelo político-social baseado no capitalismo e na globalização, ancorados em padrões pré-estabelecidos pelos que detêm o poder econômico, especialmente. E, ainda mais latente, esbarramos na questão: como superar o paradigma de uma formulação pedagógica que reafirma a suplantação das diversidades culturais, quando caminha para homogeneizar identidades, ao invés de trazer uma interação democrática, no caminho de superar constructos ideológicos universalmente aceitos. É preciso, então, refletir sobre a significação atribuída ao que se chama de multiculturalismo.

Pesquisadores como Tadeu da Silva elucidam que esse termo é muito utilizado para abarcar um discurso de “tolerância” ao diferente, resultando em uma simplificação da questão da identidade e da diferença, incorrendo na produção de currículos apartados de uma problematização das ideologias e das implicações políticas do processo de ensino-aprendizagem. Esclarece o autor, em geral, o chamado “multiculturalismo” apoia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância

e ao respeito para com a diversidade e a diferença. É particularmente problemática, nessas perspectivas, a ideia de diversidade. Parece difícil que uma perspectiva que se limita a proclamar a existência da diversidade possa servir de base para uma pedagogia que coloque no seu centro a crítica política da identidade e da diferença.

Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas (SILVA, 2000, p. 73). Nesse sentido, Bourdieu nos atenta para a importância de se conhecer os processos de formação cultural dos indivíduos sob a luz dos estudos sociológicos (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004) no caminho para compreensão mais efetiva do papel delegado à educação formal, por exemplo. De acordo com a perspectiva bourdieusiana, há a formação de um “arbitrário cultural”, que se esconde atrás do discurso de uma formação educacional legítima e universalista, neutralizando as diversidades culturais que caracterizam as relações pedagógicas e, certamente, as relações sociais vigentes.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa que forneceu os dados para esse trabalho foi realizada a partir de um questionário online enviado para toda a comunidade acadêmica e respondido de forma anônima. Esse questionário continha dois principais grupos de questões: um inicial, que permitia caracterizar os respondentes; e outro que buscava levantar suas percepções sobre arte e cultura na universidade e o papel do Centro Cultural.

Na primeira parte, era possível distinguir os respondentes entre os três seguimentos universitários (docentes, discentes ou técnicos administrativos) e também pelo curso ou setor universitário ao qual se vinculava. Além, claro, de outras características, como gênero, faixa etária

e naturalidade. A caracterização do público que respondeu ao questionário não foi um elemento importante nas análises desse trabalho e serviu apenas para que a equipe do CCult conhecesse melhor a comunidade acadêmica.

Ambas partes do questionário continham questões de múltipla escolha e questões abertas, nas quais o participante poderia registrar sua opinião. Desta forma, podemos considerar que o instrumento de coleta de dados utilizado permitiria o desenvolvimento de uma pesquisa tanto quantitativa como qualitativa. Contudo, nossa opção foi por uma análise qualitativa desses dados, pois concordamos com Bogdan e Biklen (1994, p. 50) que o “significado é de importância vital na abordagem qualitativa” e que, nessa pesquisa, nos preocupamos mais em avaliar as perspectivas dos respondentes do que apenas a quantidade deles a cada possível resposta.

Denominamos esse instrumento de coleta de dados de “Mapeamento Cultural” e o distribuímos por meio dos canais digitais oficiais da UFTM para todos os três segmentos, informando-os não ser necessário identificar-se e que os dados seriam tratados de forma anônima¹⁰. A delimitação da amostra foi calculada baseada no público total da universidade, considerando cada segmento separadamente, de forma a obtermos um índice de confiabilidade de 95% e nível de erro 10% para cada um desses segmentos. Os índices de respostas de técnico-administrativos e alunos foram alcançados por meio dos formulários online. Como o índice de respostas de professores não foi alcançado via formulários online, os técnicos administrativos do Centro Cultural participaram das reuniões de todos os colegiados da UFTM a fim de obtê-lo também junto aos docentes, com aplicação presencial dos questionários, que se mantiveram sem identificação dos respondentes. A expectativa é

de que o mapeamento seja atualizado a cada dois ou três anos para revisão de estratégias, ações e metodologia de trabalho.

A partir da construção deste modelo quantitativo das respostas aos questionários, descrevemos aspectos qualitativos da realização dos projetos estruturantes para posteriormente articular os dados referentes a tais análises. Como o plano de gestão prevê o desenvolvimento de projetos que reúnam, ao mesmo tempo, aspectos de fruição, formação e produção culturais – podendo um desses aspectos estar mais evidente do que outro em determinada ação – os projetos foram divididos em dois escopos:

1. Projetos Estruturantes: conduzidos e organizados pela equipe do Centro Cultural com parceiros. Tem como meta a consolidação de um perfil identitário de gestão e atuação do CCult, contemplando a diversidade de públicos e demandas na área cultural da universidade. Em outras palavras, são ações concretas propostas e implementadas pela equipe a partir dos estudos diagnósticos e de pressupostos da política de cultura com vistas na configuração de uma identidade de trabalho. A expectativa é de que eles sejam realizados pelo período de no mínimo um ano e revistos após a realização de um novo diagnóstico. São eles:

a) Um Pé de Livros: instalação inicial de 14 pontos de leitura dentro e fora da universidade, alimentados por livros de uma antiga biblioteca do CCult. Os livros podem circular livremente no formato “Leve, Leia, Doe”. A proposta visa ao incentivo e à democratização da leitura dentro e fora dos muros da UFTM;

b) Fala Mestre – Diálogos Interculturais: realização de um diálogo entre um mes-

10. De acordo com a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, pesquisas de opinião pública e anônimas são dispensadas da consulta ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/Conselho Nacional de Saúde (CONEP).

tre do saber popular e um mestre do saber científico sobre o mesmo tema, dentro da universidade, com participação ativa do público presente. Um artista acompanhará a conversa e ao final fará um trabalho artístico que represente o momento. O projeto pretende valorizar a construção coletiva do saber dentro do ambiente clássico/científico e a indissociabilidade das formas de conhecimento.

c) Nos Caminhos da Música: realizado em parceria com a Orquestra Municipal e Fundação Cultural de Uberaba com foco na formação de públicos para a cultura. A cada ano são realizados quatro concertos da orquestra na universidade, precedidos por minicursos sobre o repertório que será apresentado. Durante os encontros, são realizados estudos e discussões sobre as composições e seus compositores, incluindo também autores que reconhecem a arte e a cultura populares, os períodos históricos em que estão inseridos e particularidades que podem nortear a escuta musical nos concertos da orquestra.

d) Cursos de formação cultural: ministrados pelos servidores do CCult. Os cursos são abertos às comunidades interna e externa, com o intuito de contribuir para a formação de públicos em cultura e empoderá-los para a produção, fomento e multiplicação de atividades culturais dentro e fora da universidade.

e) Orientação musical de talentos universitários: valorização de talentos musicais universitários por meio da orientação técnica para formação de grupos, apresentações artísticas, criação de coletivos artísticos, entre outras ações de fomento.

f) Intercult – relações étnico-raciais e edu-

cação: nascido a partir de um coletivo de professores das redes municipal e estadual de educação do município de Uberaba em parceria com o CCult. Atualmente com encontros periódicos, esse coletivo discute estratégias e práticas escolares que colocam a arte e a cultura como protagonistas do processo educativo de transformação social e formação cidadã. A expectativa é de que, uma vez ao ano, as produções resultantes do trabalho realizado junto com os alunos das respectivas escolas sejam apresentadas em um evento na UFTM.

2. Projetos Satélites: expectativa de implantação em 2018. Seriam conduzidos por profissionais de outras áreas e departamentos da UFTM, ou por agentes culturais do município, que possam contribuir para o atendimento das demandas levantadas no mapeamento cultural. Seriam apoiados pela equipe do CCult por meio da abertura de editais de fomento. Dessa forma, o Centro Cultural ampliaria seu escopo de atuação, fortalecendo parcerias e empoderando outros atores culturais e suas produções dentro e fora da UFTM.

Resultados

Mapeando a cultura na universidade

Apresentamos, nesta seção, algumas reflexões realizadas a partir dos dados coletados com intuito de mapear as percepções do público interno da UFTM com relação à arte e à cultura na universidade. A partir da análise qualitativa desses dados, discutimos sobre a implementação dos projetos estruturantes de forma comparativa para em seguida inferir algumas mudanças possíveis a partir do plano de gestão pública implementado utilizando o programa extensionista “ComCultura”.

Ainda que a meta fosse repetir o

mapeamento a cada dois anos apenas, consideramos importante repeti-lo ao final do primeiro ano de ações do programa ComCultura para podermos acompanhar a compreensão do público universitário nesse início de atuação. Assim, a comparação dos dados entre 2017 e 2018 nos permitiu trazer aspectos sobre participação, lacunas, e identidade cultural na universidade que serão discutidos a seguir. Cabe ressaltar que foram recebidas 511 respostas em 2017 e 326 respostas em 2018. Em 2017, a amostra superou o mínimo esperado, mas nos dois anos conseguimos a amostra esperada para obtermos o nível de confiança desejado inicialmente.

Sobre a participação e envolvimento da comunidade com atividades culturais

Dados da aplicação do questionário no início de 2017 mostraram que 82% do público respondente não participava de nenhuma atividade cultural na UFTM. Quando perguntados se gostariam de participar: 61% responderam que “sim” e 32% responderam que “talvez”. Quando questionados sobre as atividades que o Centro Cultural havia desenvolvido até então, 52% dos respondentes avaliaram-nas como: “desconhecidas” ou “insuficientes” ou “pouco divulgadas” ou “não sabiam avaliar”.

A análise dessas questões do primeiro mapeamento evidencia que havia um desconhecimento generalizado das atividades de cultura pelo público universitário que consideram escassas as atividades relacionadas à cultura no contexto universitário, como podemos identificar no trecho retirado da

primeira aplicação do mapeamento: “Ainda são muito escassas quando se trata de algo prático e que integra a faculdade como shows e apresentações artísticas” (RESPONDENTE 1).

Além da escassez de ações apontada pelo sujeito da pesquisa, identificamos uma concepção de cultura mais voltada ao entretenimento. Essa concepção diverge daquela discutida tanto nos documentos oficiais sobre a política de cultura universitária (FORPROEX, 2012), quanto nos referenciais teóricos, que aproxima a ideia de cultura para uma linha antropológica, que demarca noções de identidade e alteridade a partir da rede de significados que envolvem os sujeitos (GEERTZ, 1997; LARAIA, 2001; SANTOS, 2006)

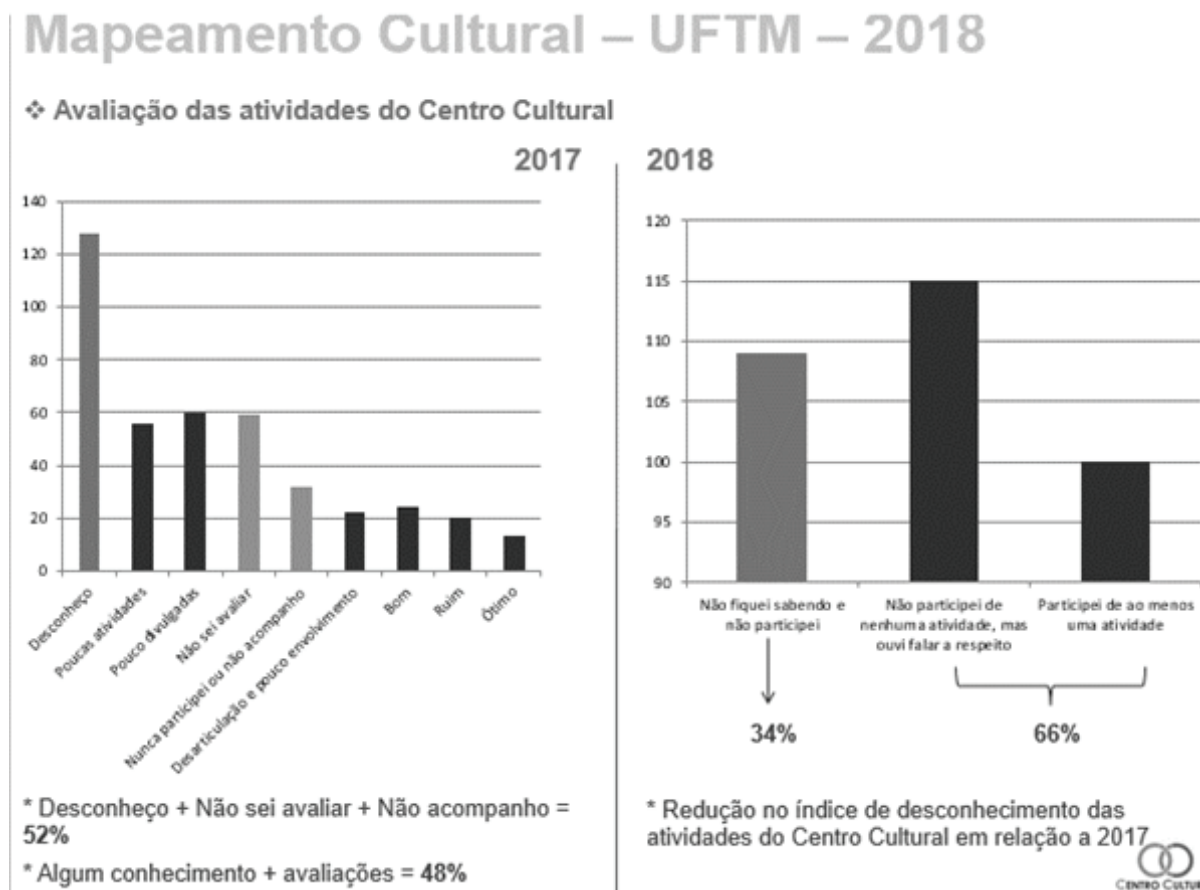
Enquanto o mapeamento de 2017 apontava para algumas lacunas em relação ao envolvimento dos sujeitos com atividades de cultura na UFTM, já que 52% dos respondentes não conheciam atividades do Centro Cultural, em 2018, percebemos um aumento significativo do conhecimento das ações desse setor, já que 66% dos participantes afirmaram ter conhecimento ou ter participado de ações do CCult. Considerando os projetos estruturantes apresentados anteriormente neste trabalho, o mapeamento indicou que cerca de 70% dos participantes do mapeamento citaram o projeto “Um pé de livros”; entre 20 e 25% afirmaram ter conhecimento de apresentações artísticas em eventos institucionais; e entre 15 a 18% dos respondentes afirmam terem participado ou do projeto “Fala mestre: diálogos interculturais”, ou do “Intercult: relações étnico-raciais e educação” ou do “Nos caminhos da música”.

Com a aplicação da segunda fase do mapeamento cultural, em 2018, pudemos

identificar uma importante redução no índice de desconhecimento das atividades do CCult em relação a 2017, como podemos analisar no gráfico abaixo:

Assim, inferimos sobre a relevância das ações de gestão pública sobre cultura descentralizadas de aspectos curriculares ou de entretenimento como eventos pontuais na

Gráfico 1 – Dados comparativos da aplicação do questionário do mapeamento cultural em 2017 e 2018 em relação ao item “Avaliação das ações do Centro Cultural da UFTM”



Fonte: Os autores (2018).

universidade. Nossas análises apontam que o programa implementado, a partir de uma instituição como o Centro Cultural, promoveu maior engajamento dos sujeitos da comunidade interna e externa¹¹ nas atividades contínuas de arte e cultura no período visado neste estudo.

Os dados evidenciam que o desconhecimento desta instituição era muito maior em períodos anteriores do que após a implementação das ações culturais programadas a partir da escuta da comunidade.

11. Ainda que o mapeamento não tenha atingido a comunidade externa, essa afirmação é feita pela grande presença do público externo em várias das ações implementadas nesse período.

Sobre as lacunas percebidas em relação à arte e à cultura na universidade

Há dados do mapeamento inicial, em 2017, que indicam uma percepção por parte da comunidade acadêmica de que existe um distanciamento entre as ações culturais universitárias e a comunidade externa. Dentre as questões significativas do mapeamento, encontramos o apontamento de que se faz imperativa a necessidade de melhor articulação das ações entre os campi¹², como identificado no trecho de um respondente mostrado a seguir:

Que o trabalho realizado seja capaz de “mexer” com todos os espaços da Universidade. Deste modo, que haja sempre o cuidado em envolver os cursos da “Campus Univerdecidade” e aproveitar o espaço de Peirópolis. [...] E uma atenção bem “cultural”: não nos conformarmos em ficar “umbilicalmente” fixados entre os muros da universidade... Que portas sejam abertas para artistas locais, para divulgarem aqui seu trabalho, e, destacaria, que a “Comunidade UFTM” seja estimulada a frequentar os diversos espaços de cultura que temos em Uberaba (e região)! [...]. (RESPONDENTE 2).

No trecho anterior, é possível notar também que há uma preocupação com uma “atenção cultural”. O termo chama a atenção de modo a despertar que a ênfase marcada no discurso remete à ausência de uma política de cultura que atenda realmente as demandas dos diversos campi. Além disso, demarca a necessidade de descentralizar as ações culturais somente dentre os muros da universidade, utilizando a metáfora do “umbilicalmente fixados”. Assim, pautar a gestão de cultura em aspectos dialógicos entre comunidade externa e interna da universidade demonstrou ser um ponto relevante em nossa investigação.

Além disso, identificamos também trechos do mapeamento de 2017 em que a divulgação de ações culturais ainda é ineficiente, como podemos identificar no discurso a seguir:

Acho que há boas atividades, mas a maior parte está vinculada a atividades dos cursos e não são bem conhecidas pela comunidade. Seria bom ter um canal para a divulgação das atividades culturais. (RESPONDENTE 3).

O trecho anterior deixa evidente a preocupação do sujeito não somente com a ausência de atividades culturais, mas sua vinculação estrutural aos espaços curriculares oficiais que deslocam o conhecimento das mesmas pela maioria da comunidade acadêmica. Assim, é latente a demanda pela desvinculação de atividades isoladas dos diferentes cursos. Pontuamos aqui que grande parte das ações culturais acontece em cumprimento às Atividades Acadêmico Científico Culturais (AACCs), carga horária presente em todos os currículos dos cursos de graduação da UFTM. Identificamos, no discurso anterior, que o sujeito menciona a possibilidade de outros canais de divulgação. Assim, como indicado, pensar um dispositivo de gestão que traga o público universitário para diálogos sobre arte e cultura populares a partir de metas compartilhadas e formação de coletivos de ações culturais, como defendido por Rubim e Barbalho (2007), perfizeram um mecanismo de superar as lacunas identificadas em nossa investigação. A estruturação de iniciativas como “Fala Mestre: diálogos interculturais” e o “Intercult: questões étnico-raciais e educação” vão ao encontro das demandas apontadas.

Alguns trechos revelam também a intenção de aproximar mais comunidade externa e universidade a partir de ações de arte e cultura locais.

12. Com seu crescimento, a UFTM se estruturou em diversas regiões da cidade de Uberaba, Minas Gerais.

Promover atividades que disseminem a pluralidade cultural do mundo e contribuam com a formação da comunidade de Uberaba. Devemos ir além dos muros que UFTM. (RESPONDENTE 3).

O papel de desenvolver e disseminar a cultura para todas as pessoas que frequentam a universidade. Maior interação entre as pessoas e expressão da vida social através da arte (RESPONDENTE 4).

Como podemos notar, há o ímpeto de uma universidade dialógica em acordo com as diretrizes já registradas na PNEU. Não há uma ideia hermética de cultura somente para o público interno, ao contrário, a utilização dos termos “disseminar” e “pluralidade cultural” aparecem como ideia tanto no primeiro quanto no segundo trecho. Assim, podemos interpretar que há uma ânsia por perspectivas de formação universitária mais sensíveis à diversidade cultural e que estejam associadas à vida social das pessoas.

Como se identificou essas lacunas no início de 2017, os profissionais do CCult abriram outras duas frentes de trabalho: a) uma rodada de conversa com profissionais de cultura de outras universidades, de modo a entender a estrutura de departamentos similares em outras instituições públicas de ensino superior; b) a consolidação e posterior aprovação em esferas institucionais da Política de Cultura da UFTM (UFTM, 2018), documento que norteia os princípios, objetivos e as esferas de atuação do Centro Cultural da universidade, que foi de fato aprovado pelo conselho universitário superior no início do ano vigente. Com essa ação pôde-se contemplar elementos diagnosticados durante o mapeamento e que, a partir dessa escuta à comunidade, geraram ações de gestão no sentido de construir bases culturais que trouxessem aspectos que coadunam mais com elementos identitários, que com ações pontuais de entretenimento e distração ou descanso da vida universitária.

Outro dado importante captado em 2017 é de que, para a comunidade da UFTM, os talentos culturais internos não são devidamente valorizados. A partir dos dados do mapeamento cultural, identificamos 190 talentos, em 2017, e 114 talentos em 2018. Esses números permitiram que a equipe gestora do CCult organizassem a proposta de “oficinas culturais” na perspectiva de utilizar o próprio espaço físico para promoção do contato entre os talentos mapeados e a comunidade em geral. Assim, a expectativa é que haja um estreitamento das relações em torno da arte e cultura a partir dessa mediação do CCult-UFTM.

Revelando a identidade cultural no contexto universitário

Esta seção dos resultados foi sistematizada com base apenas na aplicação do questionário em 2018, uma vez que o intuito nesse momento é perceber as implicações das ações de gestão pública de cultura de forma mais centralizada.

Discutindo os dados da questão “Para você, qual deve ser o papel de um Centro Cultural em uma universidade?” foi possível discutir alguns aspectos identitários relacionados ao papel da cultura nesse contexto. Alguns dados apontam para uma nova perspectiva para a cultura e a arte na universidade, inclusive transpondo os muros para a comunidade externa, como na seguinte enunciação “Trazer um novo olhar sobre a cultura, e mostrar uma forma mais ampla de pensar fora do domínio acadêmico” (RESPONDENTE 5).

Há menção para um “novo olhar sobre a cultura” como componente do enunciado, em resposta à questão sobre o papel do Centro Cultural, o que nos parece indicar uma questão mais de forma que de conteúdo, ou seja, uma nova perspectiva para a abordagem cultural. Esse papel deve transcender o âmbito universitário para pensar fora do domínio acadêmico. Segundo a PNEU, as atividades extensionistas devem priorizar aspectos da arte

e cultura populares das localidades a partir de diálogos com a comunidade externa, indo ao encontro das enunciações como a do trecho anterior (FORPROEX, 2012).

Identificamos também a ideia de que é importante um papel de mediação de atividades culturais da instituição, como nos dois trechos de diferentes respondentes mostrados abaixo.

Fazer com que a cultura possa circular na Universidade, sendo mediadora de outras atividades da Instituição. (RESPONDENTE 6).

Proporcionar a todos que estão dentro da universidade o fácil acesso às atividades culturais, visando à ampliação do conhecimento e da visão de homem e de mundo, despertando cada vez mais o interesse pela arte e a cultura. (RESPONDENTE 7).

Além da mediação das atividades, mostrada tanto no primeiro quanto no segundo trecho, há a necessidade de uma organização específica que promova a circulação dos aspectos culturais na instituição. No segundo trecho citado acima, há também uma concepção de cultura que se aproxima de Laraia (2001), que afirma sobre a dinamicidade da cultura e de sua importância na aproximação de diferentes gerações.

Outro aspecto identitário que aparece com potência no mapeamento cultural diz respeito à capacidade de transformação social por meio de arte e cultura, como na seguinte enunciação coletada na investigação: “Promover atividades culturais de forma a transformar socialmente os indivíduos” (RESPONDENTE 8).

A dimensão educativa do plano de trabalho anunciado aparece na enunciação de maneira pujante. Não se trata apenas de entreter, mas de transformar socialmente os indivíduos. Além dos projetos estruturantes que trazem em seu bojo a intersecção às dimensões de fruição, produção e formação, há um diálogo direto com a arte e cultura populares local. A valorização do artista local e do diálogo com

servidores e alunos trouxe também a perspectiva de construção de coletivos de ação e reflexão a partir de iniciativas do CCult da UFTM. No trecho seguinte essa demanda fica evidente.

Permitir fluxos de resistência à lógica da grade curricular num processo permanente de trocas entre atores ordenados horizontalmente, criando assim um coletivo com compromisso afetivo. (RESPONDENTE 9).

No trecho anterior há o uso do termo “resistência à lógica de grade curricular”. Mais uma vez aparece a demanda de resistir à manutenção das ações culturais como elementos formais do currículo para ações que representem e tenham papel central no contexto universitário. Há, ainda, menção ao Centro Cultural como agência de possibilidades de fluxos de ação trazendo novamente a perspectiva de evitar as discontinuidades que são características de ações que não estão inseridas em uma gestão sistematizada sobre cultura.

No trecho a seguir notamos aspectos da coletividade e participação como valores importantes tanto para transformação quanto para ampliação da cultura na universidade.

Precisamos pensar coletivamente, decidir com participação de todos e atuar juntos para uma real transformação e ampliação da cultura na universidade, sem perder de vista a função social da instituição considerando a democracia, a diversidade, a cidadania e a acessibilidade cultural. (RESPONDENTE 10).

Segundo McLaren (1997), é preciso assumir as assimetrias sociais e econômicas historicamente construídas no contexto da globalização capitalista. Reconhecer isso traz uma discussão cultural não ingênua em relação às estruturas de poder e a possibilidade de ação contra hegemônica que permita tomada de consciência de processos e esquemas de manutenção de opressões que alienam os

sujeitos dos processos decisórios e de justiça social. A cultura aparece – tanto no discurso do participante da investigação quanto em McLaren (1997) – como dispositivo fundamental ao cumprimento da função social da universidade, dentre elas a democracia, a diversidade e a cidadania.

A partir dos dados, inferimos que as ações estruturadas no programa extensionista “Comcultura” – associadas a um plano de trabalho mais amplo de pensar a cultura na universidade como um todo – trazem aspectos constitutivos de uma identidade acadêmica que, por meio da circulação de ações continuadas, relaciona arte e cultura com aspectos do conhecimento (científico) produzido na academia. Assim, ao incluir a cultura como parte de sua identidade institucional, a universidade influencia diretamente a proposição de sua atividade fim: a formação crítica e comprometida com a transformação social.

Após um ano de trabalho em prol de uma gestão pública da cultura em âmbito universitário, que considera a diversidade

de públicos, a construção coletiva do saber com a comunidade e as mais distintas formas de expressões culturais, o Centro Cultural da UFTM já colhe alguns frutos e, igualmente, ainda enfrenta desafios. Com a finalização da coleta de dados em 2018 é possível observar que o índice de engajamento dos públicos em relação às atividades desenvolvidas aumentou consideravelmente na comparação com o mapeamento anterior – seja em relação à melhora no índice de desconhecimento da comunidade em relação à sua existência, seja em relação aos índices de participação efetiva em seus projetos. Um relatório parcial das ações do CCult aponta que, apenas em 2017, mais de duas mil pessoas foram contempladas por algum dos projetos estruturantes gerenciados pela equipe.

A nuvem de palavras a seguir retrata o momento analisado no presente artigo, em que uma rede de significados parece ser construída a partir de esforços de escuta ativa junto à comunidade acadêmica e externa.

A construção conjunta dos dispositivos de

Figura 2 – Nuvem de palavras obtida pela análise das respostas no mapeamento 2018



Fonte: Os autores (2018).

gestão pública de cultura, a partir de um programa extensionista, implicou em processos dialógicos e de formação de um coletivo que tem em sua centralidade uma concepção de cultura que transcende aspectos técnicos ou tecnicistas.

Em um movimento hermenêutico concebemos, a partir de nossa base empírica, que a cultura passa a ser vista na UFTM, após o trabalho em 2017 e início de 2018, com uma noção mais ampliada que revela aspectos formativos e valorização de subjetividades, muitas vezes silenciadas pelas estruturas de poder que configuram o contexto acadêmico de forma geral.

Considerações finais

A organização de projetos estruturantes que pudessem delinear um perfil identitário que incluísse as questões culturais na universidade, teve como intuito fomentar a proposição de novos projetos pelo público, que denominamos “projetos satélites”. Ao finalizar o mapeamento no início de 2018, haviam sido recebidas 153 novas propostas de ações culturais associadas ao plano de trabalho e, portanto, aos projetos estruturantes.

Ao mesmo tempo, a manutenção desses projetos foi um desafio frente aos sucessivos cortes orçamentários que recaíram sobre as instituições públicas de ensino superior nos últimos anos. A não execução dos editais de fomento dos projetos satélites é um reflexo desse processo. Também cabe mencionar os desafios para a consolidação de um projeto de gestão cultural mais autônomo e estratégico institu-

cionalmente, que rompa com a lógica de subestimação da área observada há muito historicamente – do âmbito federal ao local no Brasil – enquanto potencial vetor de transformação social e formação cidadã.

Em 2018, o CCult continua seguindo em busca da manutenção e consolidação de seus projetos, com foco no cumprimento do seu papel de disseminação do potencial transformador da cultura em um ambiente universitário, em diálogo constante com a sociedade. Em jogo está o estabelecimento de pontes para produções simbólicas que se atenham à liberdade de pensamento e à convivência responsável com as diferenças, apesar dos limites que se impõem à estrutura da produção cultural brasileira.

Em síntese, e à guisa de conclusão, afirmamos a importância de uma política de cultura no âmbito universitário que seja condizente com os pressupostos dos movimentos culturais populares que ocorrem independentemente. Além disso, é importante reconhecer e buscar a superação do contexto de desigualdades sociais – que assolam a realidade política e social do nosso país – e que não pode ser visto de forma dissociada da arte e cultura. Ao mesmo tempo em que se busca o combate às desigualdades por meio da arte é importante compreender o respeito às diferenças, como uma categoria fundamental de formação e promoção das expressões subjetivas que tornam os sujeitos mais humanos.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R. C.; BLIKEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução de Maria João Alvarez e colaboradores. Porto: Editora Porto, 1994. 336 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 18 set. 2018.

BOURDIEU, P.; BOLTANSKI, L.; SAINT-MARTIN, M. As estratégias de reconversão: as classes sociais e o sistema de ensino. In: DURAND, J. C. (Org.). **Educação e hegemonia de classe**. Tradução de Maria Alice Machado de Gouveia. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979. p. 105-176

FORPROEX – Fórum de Pró-reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão** Universitária. 2012. Disponível em: <http://www.uftm.edu.br/proext/legislacao-e-normas-da-extensao>. Acessado em: 24 set. 2018.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Joscelyne. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 366 p.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001. 117 p.

McLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1997. 239 p.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 128 p.

RUBIM, A. A. C.; BARBALHO, A. (Org.). **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2007. 184 p.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996. 90 p.

SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 133 p.

UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro. **Política Cultural da UFTM**. 2018. Disponível em: <http://www.uftm.edu.br/proext/centro-cultural/legislacao>. Acesso em: 24 set. 2018.